



**Boletim PNAD**  
**Resultados da PNAD 2012**  
**Educação**  
**Dezembro de 2014**

**Governo do Estado da Bahia**  
Jaques Wagner

**Secretaria do Planejamento (Seplan)**  
José Sergio Gabrielli

**Superintendência de Estudos Econômicos  
e Sociais da Bahia (SEI)**  
José Geraldo dos Reis Santos

**Diretoria de Pesquisas (Dipeq)**  
Armando Affonso de Castro Neto

**Coordenação Editorial**  
Armando Affonso de Castro Neto

**Equipe Técnica**  
Lucigleide Nery Nascimento  
Guillermo Javier Pedreira Etkin  
Murilo Passos

**Coordenação de Biblioteca e  
Documentação (Cobi)**  
**Normalização**  
Eliana Marta Gomes Silva Sousa

**Coordenação de Disseminação de  
Informações (Codin)**  
Ana Paula Porto

**Revisão**  
Christiana Fausto

**Editoria-geral**  
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

**Editoria de Arte e de Estilo**  
**Projeto Gráfico**  
Ludmila Nagamatsu

**Editoração**  
Marta Barreto

**Ilustração de capa**  
Stock.xchng/Billy Alexander

Boletim PNAD [recurso eletrônico] / Superintendência de  
Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. v. 1, n. 1  
(2014 - ). — Salvador : SEI, 2014.

v.1  
n.1  
Trimestral  
ISSN

CDU 304 (047)

# RESULTADOS DA PNAD 2012 – EDUCAÇÃO

## APRESENTAÇÃO

O presente boletim temático da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) analisa a condição da educação na Bahia no período compreendido entre 2006 e 2012. Os dados têm como origem a base dos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e são disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na Bahia, independentemente do grau que frequentam, os jovens na faixa etária de 7 a 14 anos apresentam a maior frequência à escola. Ainda sobre o acesso à educação, no Estado, o efeito renda é perverso sobre os jovens entre 15 e 17 anos e o critério raça (Branços e Não Brancos) revela diferenças no quesito anos de escolaridade.

Investigou-se: taxa de analfabetismo total e por situação censitária; taxa de analfabetismo da população com 40 anos ou mais, total e por situação censitária; taxa de alfabetização dos jovens de 15 a 24 anos, total e por situação censitária; frequência escolar bruta por situação censitária e faixa etária; frequência escolar líquida por situação censitária e faixa etária; frequência à escola por quintis de renda; e anos de escolaridade por raça. Nenhum desses indicadores avalia, diretamente, a qualidade da educação.

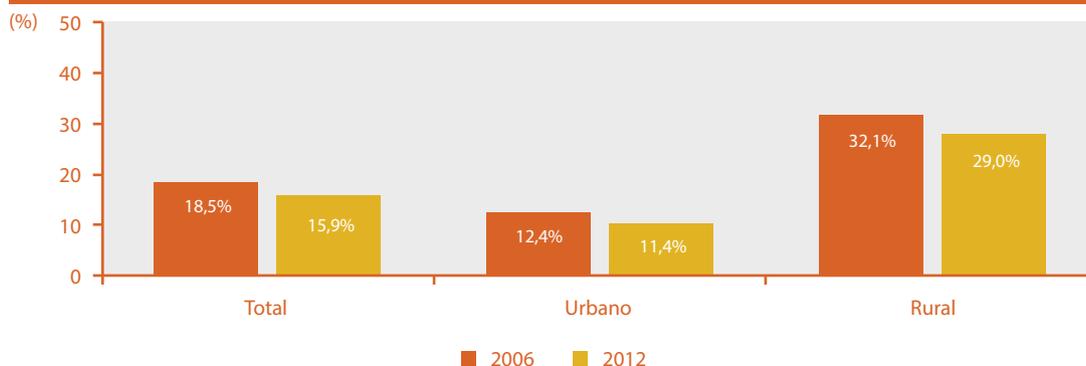
Segundo Anísio Teixeira, educador baiano do século 20, “educação é um direito”. Essa garantia é afirmada pelas Constituições Federal de 1988 e Estadual de 1989. Nesse sentido, políticas públicas têm contribuído para a educação, a exemplo dos programas federais de transferência direta de renda que impõem condicionalidades, como a frequência escolar dos membros das famílias beneficiárias com idade entre 06 e 17 anos. Em relação ao acesso ao ensino superior, ocorreu a criação de novas universidades públicas e programas de financiamento estudantil.

## EDUCAÇÃO NA BAHIA NO PERÍODO 2006 A 2012

Na Bahia, para o período em análise, a taxa de analfabetismo total apresentou uma queda de 2,6 pontos percentuais. Em 2012, a taxa situava-se em 15,9% ante a 18,5% totalizada em 2006. Ao focar o exame na situação censitária, esse mesmo indicador da condição educacional da população revela que a redução dos níveis de analfabetismo ocorreu, principalmente, no meio rural, onde a taxa de analfabetismo é mais elevada, passando de 32,1%, em 2006, para 29,0% em 2012, diminuição de 3,1 pontos percentuais. Apesar de não ter seguido ritmo similar em termos de proporção, na zona urbana a taxa demonstrou, também, uma tendência de queda. Ocorreu uma redução de 1,0 ponto percentual. Em 2006, a taxa de analfabetismo era de 12,4%. Em 2012, esse índice foi de 11,4%.

Em síntese, como revela o Gráfico 1 abaixo, a percentagem de pessoas que não sabem ler e escrever em relação ao total de pessoas da Bahia mostrou queda no total do Estado e nas suas zonas rural e urbana.

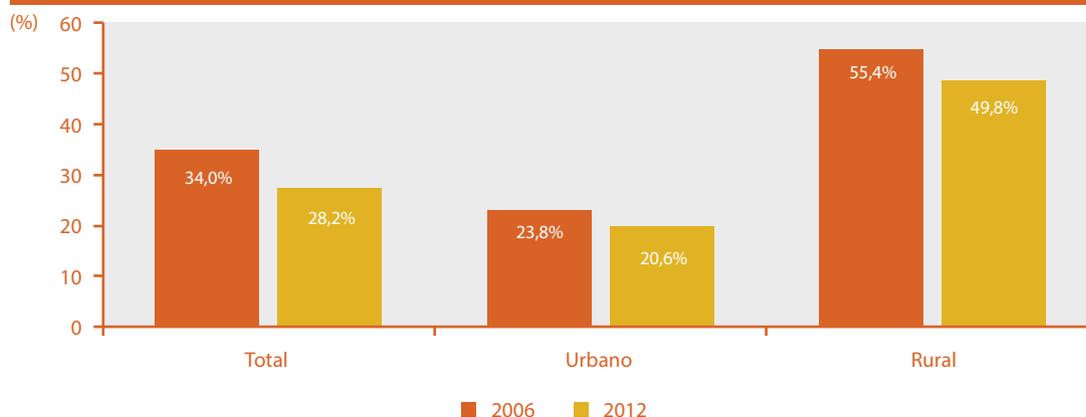
**Gráfico 1**  
**Taxa de analfabetismo total e por situação censitária – Bahia – 2006/2012**



Fonte: IBGE—PNAD. Elaborado pela SEI/Dipeq a partir dos microdados.

O analfabetismo na Bahia possui elevada participação da população com 40 anos ou mais, como mostra o Gráfico 2. A taxa de analfabetismo entre os indivíduos dessa faixa etária superou a taxa de analfabetismo para todas as faixas etárias (como revela o Gráfico 1). Em 2006, a taxa de analfabetismo da população, com 40 anos ou mais, para o Estado foi de 34,0%, em 2006, e de 28,2% em 2012. A variação foi de 5,8 pontos percentuais.

**Gráfico 2**  
**Taxa de analfabetismo da população com 40 anos ou mais, total e por situação censitária – Bahia 2006/2012**



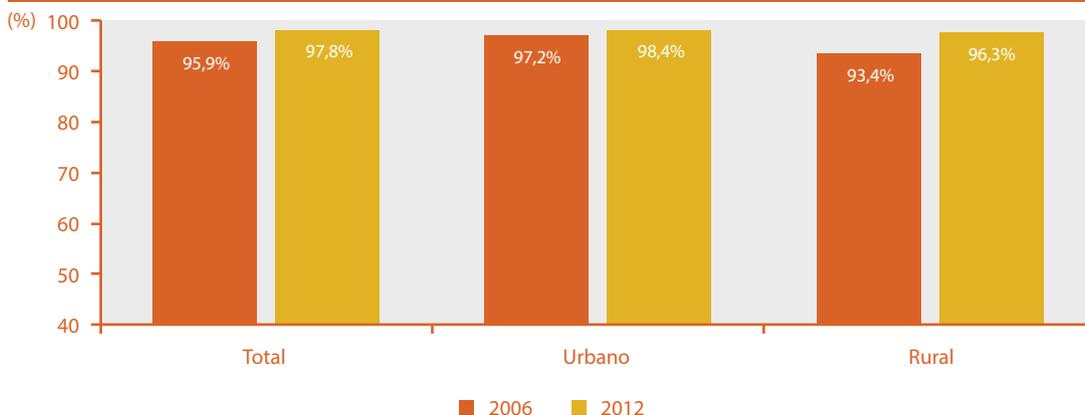
Fonte: IBGE—PNAD. Elaborado pela SEI/Dipeq a partir dos microdados.

Observa-se, no Gráfico 2, que é na zona rural que se encontra a maior taxa de analfabetismo da população com 40 anos ou mais, apesar de ter apresentado uma queda de 5,6 pontos percentuais no período em análise. Em 2006, a taxa era de 55,4% e, em 2012, de 49,8%. Na área urbana, a taxa seguiu a mesma tendência de redução e passou de 23,8%, em 2006, para 20,6% em 2012. A referida faixa etária contribuiu consideravelmente para o analfabetismo no Estado.

Na Bahia, a taxa de alfabetização dos jovens de 15 a 24 anos está próxima de atingir 100%, significando uma quase universalização do acesso à educação. A taxa de alfabetização para os indivíduos dessa referida faixa de idade era de 95,9%, em 2006, e apresentou um aumento de 1,9 pontos percentuais, como pode ser observado no Gráfico 3.

Uma análise por situação censitária revela que para essa faixa etária, inclusive o meio rural, o ato de saber ler e escrever está próximo de uma universalização. Em 2006, a taxa de alfabetização dos jovens, de 15 a 24 anos, na zona rural, era de 93,4%, e, em 2012, passou para 96,3%. A taxa de alfabetização para o meio urbano é ainda mais elevada. Em 2006 foi de 97,2% e, em 2012, de 98,4%. A taxa de alfabetização no meio urbano é a que mais contribui para a situação favorável do Estado.

**Gráfico 3**  
Taxa de alfabetização dos jovens de 15 a 24 anos, total e por situação censitária – Bahia – 2006/2012



Fonte: IBGE–PNAD. Elaborado pela SEI/Dipeq a partir dos microdados.

A Tabela 1 abaixo revela que, ignorando o grau de ensino, a proporção de jovens em determinada faixa etária que frequenta a escola demonstrou um aumento para os três intervalos de idade analisados para a Bahia, no período de 2006 a 2012, e, também, para o meio urbano e o rural.

Para a Bahia, dentre os três grupos estudados, o composto por crianças de 4 a 6 anos foi o que demonstrou o maior avanço no acesso à educação, com 85,2% em 2012 ante a 78,1% em 2006, revelando um acréscimo de 7,1 pontos percentuais. O segundo conjunto que apresentou a maior elevação foi o de jovens entre 15 e 17 anos, avançando em 5,4 pontos percentuais. Em 2006, 78,9% dos indivíduos nessa faixa etária frequentavam a escola. Em 2012, esse índice era de 84,3%. Observa-se uma elevação mais tímida na faixa etária entre 7 e 14 anos. Em 2006, 97,3% frequentavam, enquanto que em 2012 esse percentual foi de 98,3%, apresentando uma ampliação no acesso à educação de 1,0 ponto percentual. Essa faixa etária era, em 2006, e se manteve, em 2012, como a de maior frequência.

**Tabela 1**  
Frequência escolar bruta por situação censitária e faixa etária – Bahia – 2006/2012

Situação censitária	4 a 6 anos		7 a 14 anos		15 a 17 anos	
	2006	2012	2006	2012	2006	2012
Total	78,1	85,2	97,3	98,3	78,9	84,3
Urbano	83,7	88,4	97,4	98,2	81,4	84,4
Rural	68,2	77,0	97,3	98,4	75,0	83,8

Fonte: IBGE–PNAD. Elaborado pela SEI/Dipeq a partir dos microdados.

Ao focar a análise na situação censitária, o acesso à educação demonstra peculiaridades. Apesar do avanço na frequência escolar bruta para a população rural jovem para as três faixas etárias, os indivíduos entre 4 e 6 anos e entre 15 e 17 anos possuem maior dificuldade em frequentar a escola dos que os seus respectivos grupos de idade que vivem na área urbana. As faixas etárias entre 4 e 6 anos e 15 e 17 anos, na zona rural, apresentaram aumentos iguais, elevações de 8,8 pontos percentuais. Os índices para a faixa etária entre 7 e 14 anos, para o meio rural, se assemelham aos da zona urbana. Para o urbano, em 2006, foi de 97,4% e, em 2012, passou para 98,2%, demonstrando uma variação de 0,8 pontos percentuais. Para o rural, em 2012, o índice foi de 98,4% ante a 97,3% de 2006. Para as faixas etárias de 4 a 6 anos e de 15 a 17 anos, o índice rural influencia negativamente o total para o Estado da Bahia.

Como demonstra a Tabela 2, a análise da frequência escolar líquida, ou seja, a que leva em consideração o grau de ensino que o indivíduo frequenta, revela uma quase universalização do acesso ao ensino na faixa etária de 7 a 14 anos para o Estado da Bahia. Ocorreu uma elevação de 2,5 pontos percentuais. Em 2006, o percentual era de 93,5, e, em 2012, esse número passou a ser de 96,0%. Para os jovens entre 15 e 17 anos, o acesso à escola apresenta maior dificuldade do que a faixa etária entre 7 e 14 anos.

Apenas 31,8% dos jovens frequentavam a escola em 2006. Em 2012 esse percentual foi de 42,9%, apresentando um aumento de 11,1 pontos percentuais.

**Tabela 2**  
**Frequência escolar líquida por situação censitária e faixa etária – Bahia – 2006/2012**

Situação censitária	7 a 14 anos		15 a 17 anos	
	2006	2012	2006	2012
Total	93,5	96,0	31,8	42,9
Urbano	93,7	95,4	40,6	45,8
Rural	93,1	97,3	17,7	35,9

Fonte: IBGE–PNAD. Elaborado pela SEI/Dipeq a partir dos microdados.

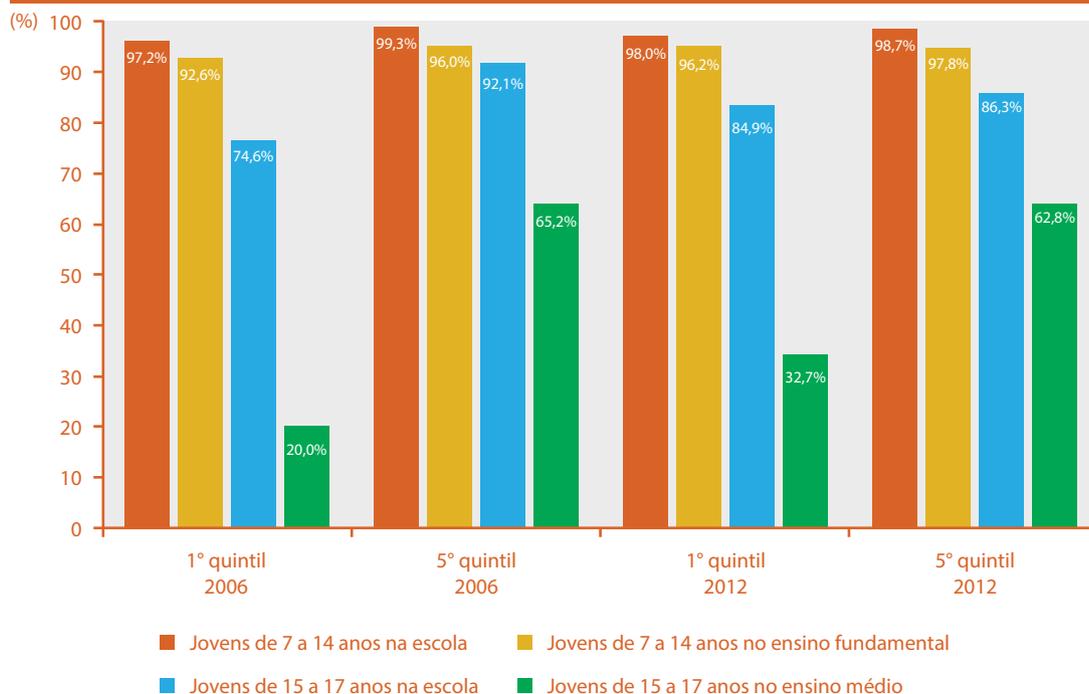
A frequência escolar líquida, no meio urbano e no rural, segue a mesma dinâmica do Estado, apresentando uma maior participação dos jovens entre 7 e 14 anos do que os de 15 a 17 anos.

Na zona urbana, ocorreu um aumento na frequência para as duas faixas etárias em análise, ou seja, entre 7 e 14 anos e 15 e 17 anos. Todavia, a maior variação ocorreu para a faixa etária de 15 a 17 anos. Em 2006, o percentual de jovens entre 15 e 17 anos que frequentavam a escola era de 40,6%. Em 2012, passou a ser 45,8%. Para o grupo de 7 a 14 anos, em 2006, o percentual de frequência era de 93,7%, elevando-se para 95,4%.

Na zona rural, ocorreu uma elevação na frequência das duas faixas etárias. Para os jovens entre 7 e 14 anos, o percentual, em 2012, era de 97,3% ante a 93,1% em 2006. O grupo dos indivíduos entre 15 e 17 anos, apesar de possuir uma frequência inferior a dos jovens entre 7 e 14 anos, apresentou expansão significativa no acesso dos membros desse grupo à escola. Em 2006, apenas 17,7% frequentavam. Em 2012, o percentual passou para 35,9%, uma variação de 18,2 pontos percentuais.

Para o Estado da Bahia, considerando a renda da família dos jovens e ignorando o grau de ensino que eles frequentavam, para o ano de 2006, os mais pobres da sociedade possuíam uma frequência menor à escola do que os mais ricos na mesma faixa etária, revelando a importância da renda como fator de acesso à educação para os jovens entre 7 e 14 anos (Gráfico 4). Para os jovens entre 15 e 17 anos, o efeito renda é ainda mais considerável. Em

**Gráfico 4**  
**Frequência à escola por quintis do rendimento domiciliar per capita – Bahia – 2006/2012**



Fonte: IBGE–PNAD. Elaborado pela SEI/Dipeq a partir dos microdados.

2006, para os que estavam no 1º quintil, no estrato de renda inferior, o mais pobre, apenas 74,6% frequentavam a escola. Em contrapartida, para os indivíduos na mesma faixa etária, mas no 5º quintil, no estrato superior, os mais ricos da sociedade, o percentual era de 92,1%.

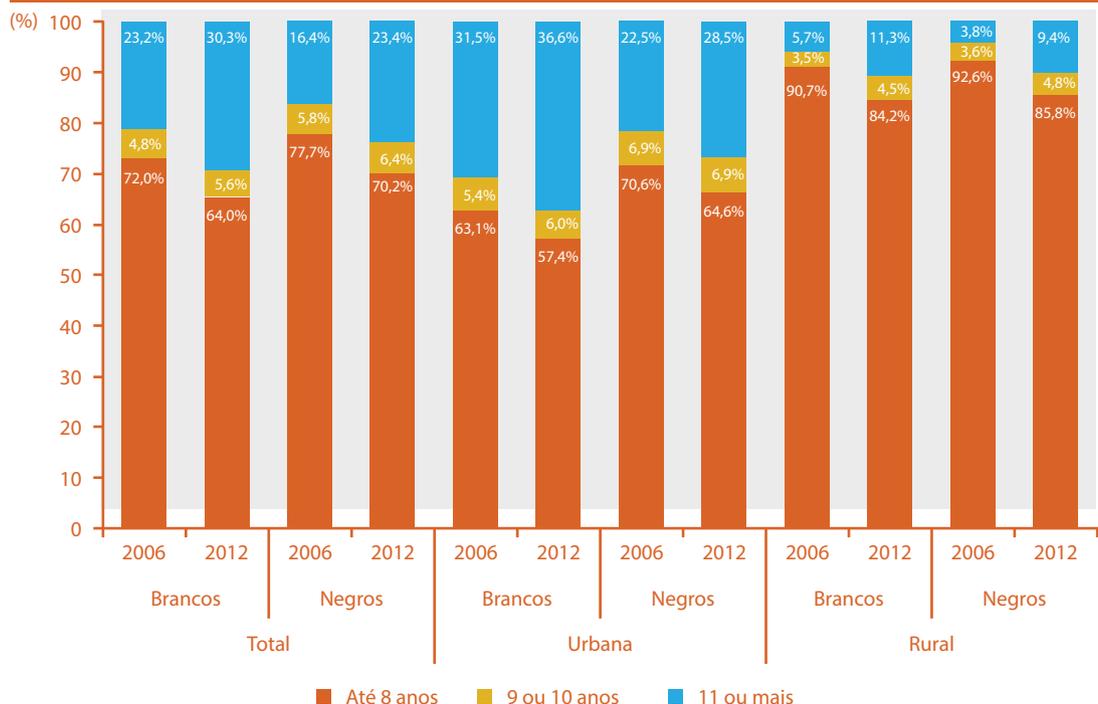
Para o mesmo período em análise, a renda causa um efeito ainda maior, principalmente para os jovens na faixa etária entre 15 e 17 anos frequentando a escola na série adequada. Para os jovens pertencentes ao 1º quintil, a frequência é de apenas 20%, enquanto que para os membros do 5º quintil esse percentual é de 65,2%. A renda causa uma variação de 45,2 pontos percentuais na frequência.

Em 2012, para a Bahia, a condição social não é tão influenciável para os jovens entre 7 e 14 anos na escola, pois os pertencentes ao 1º quintil apresentam uma proporção de 98,0% de frequência à escola contra 98,7% dos indivíduos no 5º quintil. Mas é importante para os jovens entre 15 e 17 anos, pois os que estão em uma classe social mais privilegiada apresentam um percentual de 86,3% ante a 84,9% da menos privilegiada. A renda não é fator muito determinante em relação à frequência dos jovens de 7 a 14 anos no ensino fundamental. Contudo, para os jovens entre 15 e 17 anos, no ensino médio, o fator social é mais relevante. O índice para os integrantes do 1º quintil é de 32,7%, enquanto para os membros do 5º o percentual é de 62,8%.

Analisando os dois períodos, 2006 e 2012, os jovens de 15 a 17 anos no ensino médio são os mais afetados pelo elemento renda. De 2006 para 2012, aumentou a frequência dos jovens entre 15 e 17 anos ao ensino médio, passando de 20,0%, em 2006, para 32,7% para os mais pobres. Em relação aos mais ricos, ocorreu uma variação negativa. Em 2006, o percentual era de 65,5% e passou para 62,8% em 2012.

Observa-se, no Gráfico 5 abaixo, que a maioria dos indivíduos que possuem mais de 11 anos de escolaridade são Brancos e residem no meio urbano. Em 2006, esse índice correspondia a 31,5%, passando para 36,6% em 2012, com variação de 5,1 pontos percentuais. De maneira geral, ocorreu uma melhora no nível de escolaridade: aumentou o ano de escolaridade para o total do Estado, para as zonas urbanas e rurais, e para os *Brancos e Não Brancos*, com a diminuição do percentual dos que estudam até 8 anos. Em contrapartida, no Estado da Bahia, na sua totalidade, e para o meio urbano e zona rural, houve uma redução no número dos indivíduos com até 8 anos de escolaridade.

**Gráfico 5**  
**Anos de escolaridade por raça – Bahia – 2006/2012**



Fonte: IBGE-PNAD. Elaborado pela SEI/Dipeq a partir dos microdados.

A raça dos indivíduos faz diferença quando o assunto é anos de escolaridade. No Estado, em 2012, a diferença entre *Branços e Não brancos* era de 6,2 pontos percentuais.

No Estado da Bahia, em termos percentuais, existem mais *Não brancos* estudando por até 8 anos do que Brancos para 2006 e 2012. O mesmo fato se repete nas áreas urbana e rural. Isso demonstra que existe uma importância do fator raça sobre anos de escolaridade.

Na Bahia, a maioria da população não ultrapassou 8 anos de escolaridade. No meio rural, os indivíduos estudam um número inferior de anos do que na zona urbana, o percentual dos que estudam por até 8 anos superou 84%, em 2012, na zona rural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Bahia, a taxa de analfabetismo mostra diminuição. A elevada contribuição para a taxa de analfabetismo, contudo, encontra-se na população com 40 anos ou mais do meio rural.

No critério renda, o baixo nível afeta principalmente a frequência à escola na série adequada dos jovens na faixa etária entre 15 e 17 anos, apresentando uma variação entre os membros do 1º quintil e do 5º quintil de 45,2 pontos percentuais, em 2006, e 30,1 pontos percentuais em 2012.



**Governo do  
Estado da Bahia**

---

Secretaria do Planejamento